

Da autora de *A Livraria dos Destinos*

VERONICA HENRY

Bestseller do *Sunday Times*

Qual será
o ingrediente secreto
para a felicidade?



Uma
Receita
de
Família

«Uma delícia do princípio ao fim.»

Jill Mansell

TOP
SEL
LER

*Para o Paul e para a Lucy,
ingredientes indispensáveis da minha receita de família.*

Um

1942

O céu noturno estava tranquilo e vigilante, como nos últimos tempos.

A lua cheia deslizou de trás de uma nuvem para espreitar para a cidade lá em baixo, como uma mãe ansiosa com um bebê recém-nascido. Bath estava a preparar-se para adormecer: as pessoas começavam a puxar os seus cobertores, refletindo sobre o dia que passara. Orações eram proferidas, as graças eram dadas, e todos esperavam um sono livre de pesadelos ou de algo pior.

No Número 11 de Lark Hill, o portão das traseiras abriu-se. Uma figura saiu para a ruela que passava por trás da fila de casas. Jilly Wilson aconchegou melhor o casaco sobre a camisola e a saia de *tweed*: no final de abril ainda fazia frio depois de o sol se pôr. Teria vestido algo mais bonito, mas não queria levantar suspeitas. Era uma noite de sábado, no entanto, não havia motivo para usar outra vez o vestido lilás. Estava nas costas da cadeira desde a noite anterior. Cheirava a fumo de cigarros *Black Cat* de contrabando e a ele.

Tinha jantado às 19 horas com os pais e, àquela hora, já deveria estar deitada, se não já a dormir. A mãe ressonava levemente, com o livro que estava a ler aberto sobre o peito, onde caíra. Mal conseguia ler uma página até adormecer, esgotada pelos alunos da escola primária, cujo entusiasmo a deixava encantada e exausta ao mesmo tempo. O pai ainda deveria estar no escritório a reler as notas sobre os doentes, a redigir cartas de referência, toda a burocracia de um médico atarefado, embora não se vislumbrasse nenhuma luz acesa.

Não se via qualquer luz em lugar algum. As colinas em volta de Bath estavam cobertas de sombras indistintas, negras sob a Lua pálida. As fileiras de casas que contornavam a curva e as magníficas vivendas geminadas tornavam-se o mais discretas que conseguiam. À claridade do dia, não podiam fazer nada para ocultar a sua beleza e esplendor, com a pedra amarela a brilhar sob o sol da primavera. Mas, assim que chegava o crepúsculo, acocoravam-se, inclinando-se receosas, como em todas as outras cidades da Inglaterra.

Jilly foi avançando ao longo da viela, por trás da fila de casas ao estilo do período de regência que compunham Lark Hill. Os seus jardins da frente estavam escondidos atrás de um muro de pedra alto que chegava à altura da cabeça, as casas em sentido por trás, filas e filas de janelas de guilhotina sobranceiras à estrada que se arrastava até à cidade. Quando já estava em Lansdown Road, descontraíu-se um pouco. Se mantivesse a cabeça baixa e as mãos nos bolsos, ninguém a reconheceria, nem lhe perguntaria o que andava a fazer ali àquela hora.

A meio da encosta, precipitou-se para fora da rua principal e seguiu por uma rua secundária, onde as casas eram menos grandiosas, mais do estilo eduardiano do que de regência e muito juntas umas das outras, cada uma apenas com um pequeno jardim na frente. As pernas de Jilly não se moviam suficientemente rápido. A sua respiração era agora ofegante. Mal conseguia esperar para lá chegar.

Até ao dia anterior, não fazia ideia de que era possível sentir-se assim. Não tinha tido hipótese de falar sobre isso com ninguém. Não era dissimulada nem falsa por natureza, mas nem sequer contara a Ivy. Não queria quebrar o encantamento, tornando-o público. Por enquanto, queria reservar o entusiasmo só para si, o que ainda aumentava mais a emoção que sentia. E ele sentia o mesmo. Tinham concordado em manter o encontro em segredo.

E pensar que quase não fora ao baile! Ivy incentivara-a a ir — Jilly não tinha mesmo vontade, mas Ivy recusara-se a aceitar um não e, nessas situações, era mais fácil responder que sim. Jilly estava decidida a ir-se embora assim que Ivy se focasse numa eventual vítima, o que acontecia sempre dez minutos depois de chegar a qualquer evento

social. Os rapazes — os homens — adoravam Ivy, e ela adorava-os a eles. Sufocava-se com risos na sua companhia, ainda mais do que era costume. Ivy era a pessoa mais efervescente que Jilly alguma vez conhecera, uma rapariga que parecia um choque elétrico. Pequenina e magra como um espeto, mas cintilante. Ao lado dela, por vezes, Jilly sentia-se grosseira e séria. Nunca ninguém acusara Jilly de ser tímida, mas, comparada com Ivy, era mesmo acanhada, um papel que considerava interminavelmente aborrecido.

Nessa noite de sexta-feira, o salão da igreja perto dos Assembly Rooms estava quase a rebentar pelas costuras. A chegada do bom tempo tinha deixado as pessoas mais bem-humoradas. Os rapazes tinham um ar emproado, os olhos pestanejantes, como se tivessem andado a ler Tennyson e a primavera tivesse transformado os seus pensamentos em amor — embora Jilly duvidasse de que muitos deles estivessem sequer familiarizados com o poeta. As raparigas tinham desencantado os seus melhores vestidos, porque era maravilhoso ter um pretexto para se apertarem. A banda imprimia vitalidade aos passos de todos. Uma taça de fruta misturada com vinho de sobremesa, adquirido por meios ilegais, era inebriante e doce. Entre aquelas quatro paredes, só por uma noite, podiam esquecer que havia uma guerra em curso.

Ivy lançou os braços no ar com um grito e foi arrastada pelo grande número de dançarinos em torvelinho. Não tinha inibições, tão tonta como a bola de espelhos que girava lá em cima e que projetava fragmentos de luz brilhante nos rostos. A sala rapidamente aqueceu, com a música e os risos e uma energia peculiar que não alcançava Jilly. Sentia-se apavorada pelo estado de espírito da multidão, insegura. Parecia que os seus sapatos eram de chumbo, enquanto Ivy dançava no ar. Conseguia ver a amiga a acenar na sua direção, chamando-a por gestos, para que se juntasse à confusão. Jilly observava. Um jovem e ágil soldado agarrou-a por um braço, Ivy lançou a cabeça para trás e riu-se para ele. Cabelo dourado claro, lábios vermelhos, nenhuma vergonha. *Oh, quem me dera ter nem que fosse um pedacinho da confiança dela*, pensou Jilly.

Começou a ouvir-se o rufar persistente de um tambor, depois a banda explodiu numa melodia exuberante à qual era impossível resistir.

O soldado e Ivy começaram a dançar, desajeitados mas sorridentes, no compasso perfeito, como se existisse um sinal secreto entre ambos que sincronizasse os movimentos dos dois. Jilly não possuía nenhum sinal do género no seu interior, sabia-o.

«Só tens de parar de pensar e sentir», dissera-lhe Ivy vezes sem conta, mas quanto mais ela tentava não pensar, mais pensava e menos os pés faziam o que lhes pedia. O mesmo acontecera no campo de *netball* e no de lacrosse. Chegou à conclusão de que era mais cerebral do que física.

Dirigiu-se para o bengaleiro, mais para se conceder uma pausa do que por qualquer outra necessidade em particular. No átrio, encontrava-se um jovem aproximadamente da sua idade encostado à parede. Fez-lhe um sorriso e ergueu o copo para ela, numa atitude conspirativa.

Ela deteve-se e retribuiu o sorriso, levando uma mão ao cabelo para o alisar. Ivy fizera-lhe caracóis, com um rolo à frente maior do que ela gostaria. Fazia-a sentir-se desconfortável e tonta. Preferia usar o cabelo solto, pela altura dos ombros. Apetecia-lhe passar as mãos pelo penteado que Ivy fizera e voltar a ser ela mesma.

— Parece que, tal como eu, preferirias estar noutro lugar qualquer — disse. Havia nele uma certa melancolia, como se algo lhe pesasse demasiado para que conseguisse esquecer. Era alto e magro, tinha o cabelo castanho-avermelhado penteado para trás e os olhos de um tom de castanho semelhante ao de um *Malteser*.

Jilly assentiu.

— Em qualquer outro lugar — disse-lhe. — Os bailes não são a minha preferência, mas não quero ser aborrecida.

— Nestas festas, sentimo-nos sempre pressionados a estarmos alegres.

— Eu sei. Penso que ou se nasce com jeito para dançar ou não — fez um sorriso triste. — Eu não nasci.

— Esquece — estendeu-lhe a mão. — Vamos ser aborrecidos juntos?

Hesitou por um instante. Sentia-se atraída para ele. Ele tinha sardas escuras na pele clara. Os olhos percorriam-na, fazendo-lhe perguntas. No entanto, havia qualquer coisa nele que a perturbava. Talvez tivesse que ver com o copo de uísque? Estaria embriagado? Tinha a confiança

de uma pessoa ébria, embora parecesse controlado. Mas causava-lhe borboletas na barriga; fazia-a sentir que não sabia muito bem o que iria acontecer a seguir. Não era uma sensação à qual estivesse habituada, mas agradava-lhe bastante.

— Então, que tipo de pessoa és? — perguntou-lhe ele.

— Bom — respondeu Jilly, pensando. — Essencialmente, uma pessoa que gosta de livros. Gosto. Também gosto de pessoas, mas prefiro conversar do que dançar com elas. Cara a cara.

— Cara a cara — repetiu ele com ar sonhador, fazendo-a corar.

— Não gosto muito de multidões.

— Porque vieste, então?

— A minha amiga obrigou-me. A Ivy não gosta de ouvir um não.

— Pareces-me perfeitamente capaz de o dizer.

— Claro que sou — riu-se Jilly. — Mas não conheces a Ivy. Nunca mais se calaria. — Observou-o a beber o copo até ao fim, apesar de os olhos dele nunca se desviarem do rosto dela. — E tu?

— A mesma coisa. Estou em casa de um amigo. Ele insistiu. Enquanto hóspede, seria indelicado da minha parte dizer que não. Isto tem muito mais que ver com ele do que comigo.

— E o que tem que ver contigo?

Ele ficou com um ar triste, como se aquela fosse uma pergunta espinhosa, como se houvesse uma resposta certa e uma resposta errada e ele não se pudesse enganar.

— Gosto de raparigas que gostam de livros — acabou por dizer. Retirou uma caixa com cigarros e estendeu-lha. Ela abanou a cabeça. Ivy fumava como um soldado, mas Jilly não conseguia apreciar. Já havia motivos de preocupação suficientes para ainda ter de encaixar um cigarro sempre que possível, que era o que parecia acontecer a todos os que começavam a fumar.

Ouviu o ruído da pedra do isqueiro e sentiu o cheiro a óleo, depois ele acendeu o cigarro e deu uma passa.

— Gostavas de ir dar uma volta? — Não estava a sorrir com a boca, mas sim com os olhos.

Jilly engoliu em seco. Seria sensato ir dar uma volta com alguém que acabara de conhecer?

— Uma volta? Está escuro como breu.

— Quero explorar a cidade. Ao luar. É a minha única oportunidade.

— Única oportunidade?

Expeliu o fumo do cigarro. Deixou-o a fazer ondas, espalhando-se pelo ar.

— Parto no domingo. — O sorriso dele era fechado. — Vou receber formação para ser piloto.

— Que entusiasmante! — Conseguia imaginá-lo com um blusão de piloto. Ele tinha ar de piloto de caças. Algumas pessoas tinham o aspeto adequado às suas profissões, já tinha reparado. O pai tinha ar de médico, vestido de fato, estudioso, preocupado. A mãe tinha ar de professora, sincera, gentil, reconfortante. Ivy tinha ar de cabeleireira, glamorosa, sempre aperaltada, com batom vermelho. Jilly ainda não tinha ar de nada. Não valia a pena iniciar uma carreira durante a guerra, embora tivesse tido bons resultados nos estudos. Por enquanto, era bastante mais útil a ajudar o pai no consultório médico, a marcar consultas e a tomar notas, porque parecia o mais patriótico a fazer.

— Talvez. — Não parecia muito seguro. Parecia perturbado. Possivelmente estaria a perder o interesse na conversa. Jilly não queria que ele se desinteressasse. Tinha de se esforçar, percebeu. De se animar um pouco, como Ivy.

— Então, vamos lá — disse, estendendo-lhe o braço. — Vou levar-te numa visita guiada.

Ele sorriu, atirou o cigarro para o chão, quando saíram do edifício, e esmagou-o sob a sola, pousando o copo num peitoril de janela. Depois, segurou o braço dela. Ela conseguia sentir o calor dele sob a lã do casaco do fato. O que mexeu com algo dentro de si.

Por um instante, fez-se silêncio.

— O Circo é mesmo ao virar da esquina — informou.

— O Circo? — Ele pareceu surpreendido. — Com elefantes, palhaços e acrobatas?

— Não. — Riu-se ela. — Não é um circo desse género. São só edifícios. Que formam um círculo.

Ele fingiu-se desapontado.

— Oh, não me parece nada de especial.

— Vais ficar surpreendido. Anda — disse, conduzindo-o para fora do salão, para o ar da noite.

A música da banda seguiu-os enquanto caminhavam ao longo da rua. Os edifícios dourados tinham-se tornado cinzentos, mas eles conseguiam ver o caminho ao longo do passeio sob o luar. Alguns momentos mais tarde, estavam no Circo: um círculo solene e silencioso de edifícios em volta de um relvado verde. Jilly sentiu logo que se tratava de uma espécie de anticlímax.

— Tens razão. Julgo que um circo verdadeiro teria sido muito mais empolgante — acabou por dizer. Provavelmente, os rapazes bem-parecidos como ele não se entusiasmavam com raparigas que admiram arquitetura.

— Chiu — disse-lhe ele, e levou-a até ao conjunto de plátanos no meio do relvado. A brisa noturna brincava com a pele dela. Ele sentou-se e encostou-se a uma árvore, depois deu uma palmadinha no espaço ao seu lado, para que ela também se sentasse. Por momentos, deixaram-se ficar em silêncio. Havia uma tranquilidade, um silêncio e uma gravidade nele que ela considerava atraente, e perguntava-se se ele seria mesmo assim ou se teria origem no facto de saber que aquele seria o seu último fim de semana em liberdade; a sua última oportunidade de estar tranquilo antes de entrar noutra mundo sobre o qual tinha muito pouco controlo.

— Fala comigo — disse ele, ao fim de algum tempo. — Fala comigo de coisas que eu possa recordar quando estiver lá em cima, no céu.

A mente dela disparava. O seu coração batia acelerado. Sobre que raio poderia falar com ele?

— O Circo foi concebido por John Wood, o mais velho — começou a dizer, demasiado depressa, para preencher o silêncio. Estava nervosa, porque não tinha a certeza das regras, do que deveria ou não fazer ou ser. — Foi a grande visão dele. A sua obra-prima. Mas nunca viveu para a ver concluída... — A sua voz começou a perder intensidade. Aquela parte da história entristecia-a sempre. E, de repente, mencionar as pessoas que não chegavam a viver até concluírem as suas obras

pareceu-lhe algo muito despropositado. Presumivelmente, ele pretendia que ela lhe falasse de algo que o fizesse esquecer da sua mortalidade, não recordá-la.

Ele voltou-se para olhar para ela. Ela mal conseguia distinguir o sorriso dele no meio da escuridão.

— És alguma espécie de guia turística?

— Não! — riu-se ela. — Vivi em Bath a vida inteira, é só isso. Sei tudo o que há para saber acerca da cidade. Os romanos, os georgianos, Beau Nash, Jane Austen...

— Conta-me qualquer coisa sobre *ti* — pediu ele, pegando-lhe na mão. — Qualquer coisa interessante que me dê algo em que pensar. Uma razão para sobreviver.

Ela pestanejou. Aquele era um pedido pesado. A bordar o impossível. Que diabo podia ela dizer-lhe acerca de si própria que pudesse ter algum interesse?

— Isso é um bocadinho injusto — disse.

— Bom, se não consegues pensar em nada para me dizeres... — Os dedos dele dançaram nas costas da mão dela. — Então, pensa em algo que possas fazer.

A brisa noturna oscilava nos ramos das árvores por cima deles, mas Jilly permaneceu imóvel. O que queria ele dizer? Achou que sabia. Os olhos dele não se tinham afastado dos dela. Não lhe ia dizer que nunca tinha beijado ninguém. Essa era uma fonte de exasperação para Ivy. Não existia praticamente ninguém que Ivy *não tivesse* beijado.

— É a única forma de saberes que tipo de homem é. Quando não sabem beijar, é o suficiente para te dar a volta ao estômago. Mas quando sabem... — dissera Ivy a Jilly.

Jilly olhou fixamente para a boca dele. Teria sido perfeita numa rapariga, apesar de não lhe dar um ar feminino. Um lábio inferior grosso e um superior encurvado. O mesmo acontecia com os olhos: as pestanas escuras e espessas pareciam ter sido pintadas. Contudo, ligadas a um nariz direito e a um queixo forte, contribuía para uma combinação devastadora. Quanto mais olhava, mais bonito pensava que ele era.

Por amor de Deus, Jilly, ouviu Ivy dizer-lhe. Nunca mais vais ter uma oportunidade destas. Não da forma como esta guerra está a correr. É só um beijo.

Fechou os olhos. Era pior do que ganhar coragem para mergulhar do penhasco de Maiden Cove, quando foram de férias para a Cornualha.

No momento em que a sua boca encontrou a dele, soube de imediato o tipo de homem que ele era.

Os lábios dele eram macios e doces. Era como devorar um pêsego firme e maduro, e beijá-lo pareceu a Jilly tão natural como respirar, o seu corpo reagia de um modo que a fez compreender todos os livros que lera e todas as músicas que ouvira. Empurrou-o para o chão, sem que sentissem a humidade da relva. O beijo pareceu durar uma eternidade, no entanto, terminou num instante. Acabaram por se separar, com os braços ainda em volta um do outro, os olhos cravados, a respiração ofegante, mas sincronizada.

— Isto vai servir? — perguntou ela com um riso trémulo. — Isto vai ser uma razão suficiente?

— Parece-me que vai servir muito bem — respondeu ele. Afastou-lhe o cabelo dos olhos e passou-lhe a mão pela cabeça, descendo pelo pescoço, fazendo-a estremecer de prazer.

— Estás muito assustado? — encontrou a coragem para lhe perguntar. Ambos sabiam os perigos que um piloto de caças corria. Presumivelmente, ele melhor do que ela. Deve ter pensado bastante no que estava prestes a fazer. Sentia uma grande admiração pela coragem dele.

Ele demorou algum tempo a responder.

— Algumas pessoas dizem que o risco não é diferente, sempre que se sobe até lá acima. Que a roleta não tem memória.

— Isso certamente não poderá ser verdade... — Contraiu o nariz, tentando descortinar a lógica, tentando lembrar-se das probabilidades que tinha estudado. — Tens de aumentar as tuas hipóteses...

— Não quero falar disso — interrompeu-a abruptamente.

— Desculpa — disse, com receio de o ter perturbado, enquanto os olhos dele se desviavam para a escuridão, com uma expressão sombria.

— Vamos falar de outro assunto. Diz-me qualquer coisa — acrescentou.

— Diz-me o teu nome! Nem sequer sei o teu nome.

Ele pareceu estar a ponderar sobre o assunto. Talvez não quisesse que ela soubesse quem ele era? Talvez o fizesse constantemente às raparigas? Talvez ela não fosse especial? Talvez todas as que beijava sentissem o mesmo?

— Harry... — disse ele. — Harry Swann. E tu?

— Jilly. — Não lhe disse o apelido. Wilson soava-lhe demasiado insignificante diante de Swann.

— Jilly. Jilly e Harry. — Ele colocou os braços em redor do pescoço dela e puxou-a para si. — Parece-me perfeito, não dirias? — murmurou, beijando-a outra vez.

Jilly e Harry... As palavras passaram a cantar na sua cabeça a partir desse momento. Como uma poesia infantil.

E, agora, ali estava ela, na noite seguinte, a aproximar-se da entrada do Parque Hedgemoor, os enormes carvalhos num aglomerado, como um grupo de raparigas juntas no recreio. À medida que ia penetrando mais fundo no meio das árvores, a escuridão envolvia-a e, por instantes, duvidou da razoabilidade do encontro que tinham planeado na noite anterior. Desejavam o secretismo absoluto. Nenhuma hipótese de serem observados. A oportunidade de serem apenas eles mesmos, não refreados pelos olhares curiosos dos amigos ou dos curiosos que podiam fazer suposições.

Nem por um segundo pensou no que os pais poderiam dizer. Não eram particularmente reprovadores nem rigorosos, mas amavam-na, e se soubessem o que estava a fazer, iriam preocupar-se por ela poder vir a sofrer. Harry Swann partia no dia seguinte para um aeródromo em Devon, para aprender a pilotar um avião. Toda a gente sabia o que isso significava. Todos os dias havia noivados apressados e casamentos antecipados. A guerra fundia a vida. Tudo acontecia mais depressa e transmitia uma sensação de urgência que era contagiosa. Sentia-a nesse momento enquanto avançava apressadamente pelo meio do parque, à procura dele, por entre a escuridão tenebrosa. Aquela era a última oportunidade de estarem juntos por sabe-se lá quanto tempo. É claro

que ele iria gozar de licenças, mas não para já. O futuro de ambos era o mais incerto possível.

Ali estava ele, à espera, no coreto. Imaginou os fantasmas das notas musicais a flutuarem à sua volta, semínimas e colcheias, à procura de um público. Sorriu para si mesma. O amor estava a torná-la muito fantasiosa.

Amor. Como se poderia apelidar o que se sente por alguém que se acabou de conhecer de «amor»? Mas não sabia de que outra forma designar aquela certeza ardente, avassaladora, de que alguém possuía a chave do nosso futuro. Quando pensava em Harry Swann, sentia algo percorrê-la, urgente e doce, imparável. E ele correspondia. Era isso que era tão inebriante, a sensação de ser cúmplice: a forma como os olhares de ambos se fixaram um no outro naquela noite, enquanto se exploravam mutuamente, à procura de pistas, pequenos fragmentos de informação para transformar em lembranças. A profundidade de uma sarda, o comprimento de uma pestana, o caracol de um cabelo. Afinal, não dispunham de muito tempo para se gravarem um ao outro na memória.

Domingo. Já no dia seguinte. Ela nunca sentira tamanho pavor. Imaginava-se dentro de um relógio gigante, agarrada ao pêndulo, para impedir que os ponteiros avançassem. Nunca se sentira com tão pouco controlo sobre o seu destino. Nem a guerra lhe infundia aquela sensação de pânico. Embora fosse evidente que toda aquela situação era uma consequência da guerra.

Tudo era consequência da guerra.

— Jilly — mais do que ver, conseguia sentir o sorriso dele, enquanto ele estendia os braços para ela e ela se aproximava do seu abraço, no cimo dos degraus do coreto.

Harry Swann. Um nome de herói, pensou. Em menos de 40 semanas, ele poderia ser um piloto a voar para a batalha...

O tecido do blusão dele era áspero, mais áspero do que o fato que trazia na noite anterior. Meteu os braços por baixo do blusão e sentiu o seu calor sólido sob a camisa de flanela, inspirou o cheiro, que já lhe era tão familiar. Aquele odor a tabaco, a cedro e a couro fê-la desequilibrar-se ligeiramente. O cheiro de um homem, não de um rapaz.

Quase não falaram. Ambos sabiam que fossem quais fossem as palavras não teriam praticamente significado. O que cada um deles tinha feito nesse dia, desde que se tinham conhecido na noite anterior, era irrelevante. Falar sobre o futuro era inútil, porque ninguém sabia o que este lhes reservava. Viviam para o momento, aquele preciso momento, não ontem, nem amanhã.

A boca dele encontrou a sua. Os seus dedos entrelaçaram-se no cabelo dele. Os lábios dele estavam no seu pescoço. Sentiu o botão da saia a desapertar-se e o *tweed* áspero a escorregar-lhe pelas pernas; a lã mais macia da sua camisola foi puxada para cima, expondo a sua palidez esbranquiçada. Mas ele aqueceu-a muito depressa, deixando-a sem fôlego, sem palavras, praticamente incapaz de se manter de pé. Também ela o explorou, eliminando as várias camadas de roupa, sem reticências, sem inibições.

Em pouco tempo, tudo o que restava era pele contra pele, e as roupas que despiram abandonadas ao lado.

Não havia vozes de aviso na mente de Jilly. Nenhum progenitor severo, nenhum professor proibitivo, nem uma amiga chocada que lhe dissesse para parar. Nem sequer a sua própria consciência, que habitualmente era bastante vocal. Por natureza, Jilly não era uma rapariga irrefletida, mas a atração que sentia por Harry tornara-se mais forte do que a sua bússola moral.

Aquela era a primeira e última oportunidade de que dispunham. Queria aproximar-se o máximo possível dele. Sabia que era uma loucura; no entanto, a necessidade era esmagadora. Ele deteve-se por um momento, hesitante.

— Tens a certeza? — murmurou, e aquelas palavras sussurradas fizeram-na estremecer.

Não conseguia falar. Em vez de o fazer, incentivou-o a continuar, com o seu corpo. Era uma reação primária, mas a resposta era bastante clara.

Sentiu a aspereza do chão de madeira que tinha por baixo, o calor dele sobre ela, a firmeza dentro de si, e conseguia ouvir o troar do seu próprio sangue. Foi determinante, mais do que qualquer coisa que

alguma vez tivesse imaginado. E, de alguma forma, o seu corpo sabia o que fazer, quando ceder, quando assumir o controlo, como impor o ritmo. Sentia-se sinuosa e confiante, puxando-o para mais fundo de si, até sentir uma explosão triunfante e eles se rirem e chorarem, com as lágrimas nas faces de ambos a fundirem-se enquanto se beijavam.

— Oh! — Foi tudo o que Jilly conseguiu dizer, ternamente.

— És bonita — murmurou ele em resposta. — Nem sequer te quero largar.

— Então, não largues — sussurrou-lhe ela. — Abraça-me para sempre. Vamos ficar aqui para sempre.

Ele ainda estava dentro dela. Começou a mexer-se de novo, ela sentiu-o endurecer, e o calor que provocava uma sensação de formiguento, que ainda não tinha atenuado, espalhou-se pelas suas veias e fê-la gritar de deleite.

— Chiu — riu-se ele, beijando-a. — Vais acordar a cidade de Bath inteira.

Ela também se riu, beijando-o.

— Não me importa — pronunciou suavemente, fechando as pernas em redor dele para o impedir de se afastar, e as sensações que lhe percorriam o corpo pareciam fazer abanar todo o coreto, com o latejar do seu sangue a troar-lhe nos ouvidos.

De repente, ele parou, prestando atenção a algo a que ela não estava atenta. O coreto continuava a abanar e o troar prosseguia nos ouvidos dela, mas havia outro ruído. Bastante real.

— Merda! Estamos a ser bombardeados. — Saiu de cima dela, rolando para um lado, e, naquele momento, tudo se tornou mais claro. O troar não era do sangue dela. Eram os bombardeiros — estava habituada a vê-los a voar, lá no alto, todas as noites, a caminho de Bristol. Só que, desta vez, não se dirigiam para o porto. — Estão a bombardear-nos! Os sacanas!

Jilly sentou-se. Conseguia ver os clarões a caírem do céu, dúzias deles, a rodopiarem sob o luar, bailarinas prateadas mortíferas. E depois, o som terrível de alvo mortal após alvo mortal a toda a volta — norte, sul, este, oeste —, quando as sirenes começaram a soar.

— Não podem estar a bombardear Bath! — Devia ser um erro. Uma missão falhada. Bath não era importante a nível estratégico, nem densamente povoada. Nem por um instante pensaram que poderiam ser um alvo.

— Estão mesmo — comentou Harry, apoiando as mãos no parapeito do coreto e olhando para o céu. O seu corpo despido parecia um fantasma prateado à luz da Lua. Baixou-se para apanhar as suas roupas.

— Os meus pais. Tenho de ir para junto dos meus pais. — Jilly começou a vestir a saia e a passar a camisola pela cabeça. Calçou os sapatos, sem apertar os atacadores. Ele estendeu os braços para ela, nos degraus do coreto, puxando-a para trás.

— Tens de ficar aqui. Eles não bombardeiam espaços abertos. Os alvos deles são os edifícios. Não é seguro sairmos do parque.

Estava a agarrá-la por trás, com os braços a prender os dela. Ela voltou-se, puxando-lhe as mãos, acariciando-lhe os dedos. Alguns momentos antes, tinha desejado ficar entre os braços dele para sempre.

— Deixa-me ir embora — protestou.

— Não. É demasiado perigoso.

Percebeu que ele era muito mais forte do que ela. Deixou de se debater por alguns segundos.

— Não te preocupes. Eu vou manter-te em segurança.

Assentiu, respirando de forma ofegante por causa do esforço e encostando-se a ele até, por fim, ele lhe soltar a mão. Permaneceu imóvel por instantes, observando pelo canto do olho quando ele se baixou para calçar um sapato. Então, começou a correr.

— Jilly! — Ele ainda estava meio despido. Deteve-se no topo dos degraus do coreto, angustiada. Agarrou no resto das roupas. — Espera!

Ela correu disparada na direção do matagal. Conhecia o parque como as palmas das suas mãos — brincava ali desde menina. Ele não teria hipóteses de a seguir pelo meio dos troncos retorcidos das árvores. Foi traçando o seu caminho por entre elas, de volta às ruas de onde viera. Ouviu-o a gritar por ela, mas ignorou-o. Ninguém a iria impedir. Perdeu um sapato, mas não se deteve. Optou por descalçar também o outro. Era mais fácil correr descalça do que apenas com um sapato. E todas

as luzes estavam a iluminar o céu noturno, enquanto os bombardeiros silvavam por cima dela, preenchendo-lhe a cabeça com um ruído terrível. Já tinha lido artigos sobre bombardeamentos. Toda a gente tinha. Ouvir descrições na rádio ou ler relatos nos jornais não tinha nada que ver com a realidade.

Quando chegou à estrada principal, conseguiu ver pessoas a correr, à procura de abrigo, cada uma delas exibindo uma expressão de pânico, mulheres que apertavam bebês contra si, homens com crianças pequenas, uma em cada braço. Os pulmões ardiavam-lhe do esforço da corrida e os pés raspavam desprotegidos no alcatrão, por isso, por momentos, parou e olhou para trás, para o fundo da colina. Ao longe, o céu estava carmesim devido às chamas. Viam-se mais chamas a cair, algo prateado que rodava. O ruído era infernal. O latejar do seu coração, o som estridente das sirenes, o zumbido dos aviões...

De repente, viu um deles a descer rapidamente, muito baixo, e a vir na sua direção. Ouviu gritos de aviso. Certamente não iria aterrar no meio da estrada! Estava um atirador a olhar diretamente para ela, iluminado pelos projetores. Estava a apontar para a abater. Não conseguia ver que ela era apenas uma rapariga? Uma rapariga assustada e desesperada? Atirou-se para uma entrada enquanto as balas eram disparadas sem a atingir.

Agachou-se, aterrorizada, demasiado apavorada para chorar. Uma ambulância passou a grande velocidade, com a sirene a soar estridentemente enquanto descia a encosta. Respirou fundo para se acalmar, depois levantou-se, cautelosa, a tremer.

Continuou a subir a colina. Sentia o cheiro a queimado, o ar pesado com a fuligem carbonizada. A sua bela cidade, pensou. Não a podiam destruir. Não seria um sacrilégio dizimar séculos de história? Contornou uma esquina e viu uma fileira de casas, uma no meio, derrubada como um pino de bowling. O recheio tinha sido expelido para o passeio e era agora uma pilha de tijolos, de madeira fendida, de escombros e poeira. Não tinha forma de saber se as pessoas que lá viviam estavam por baixo. Perguntou-se se deveria parar e tentar ajudar, depois pensou nos pais. Conseguiu avistar um carro de bombeiros a contornar

a esquina e sentiu-se aliviada. Não havia muito mais que pudesse ter feito diante de tal destruição.

Foi correndo pela colina acima, com o peito contraído pelo esforço. Parou novamente para recuperar o fôlego e olhou para trás, para a cidade lá em baixo, para as plumas de fumo negro, as chamas vermelho-cereja e a Lua a olhar para baixo, espantada.

Finalmente chegou ao fundo da sua rua. Lark Hill. Uma dúzia de casas que lhe eram tão familiares como os seus próprios dedos e polegares. Não conseguia ver para além das primeiras três, por causa do fumo. O som terrível das bombas a caírem começava a atenuar-se, à medida que os aviões desapareciam, embora ainda se ouvissem gritos e sirenes, bem como o bramido das chamas próximas. É o caos, pensou Jilly. *Este é o som do caos.*

— Jilly! — O vizinho, o Sr. Archer, foi ao encontro dela. Era a pessoa encarregada da defesa contra os ataques aéreos de Lark Hill. Conhecia-o desde sempre. A mulher dele costumava levar Jilly a passear no carrinho de bebé, quando a mãe estava a trabalhar. Costumava fingir que ia largar o carrinho quando começavam a descer Lansdown Hill em direção ao parque: Jilly recordava-se de guinchar com um prazer horripilado, sentando-se como uma princesa no seu carrinho *Silver Cross*.

— Tenho de ir a casa.

— Lamento, meu amor. — Ele agarrou-a pelos braços e puxou-a para trás.

— Os meus pais... — Contorceu-se sob as mãos dele, soluçando, mas tal como Harry, ele não a queria soltar. Desta vez, não lhe restavam forças para se debater ou para o despistar. — Os meus pais...

— Não há nada que possas fazer — disse-lhe o Sr. Archer.

Foi nesse momento que percebeu.

Dois

Setembro de 2017

Willow pedira nachos para o seu jantar de despedida. Laura era patologicamente incapaz de fazer o que a maior parte das pessoas faria: pousar uma sertã com chili na mesa, com um pacote de chips de tortilhas de milho e deixar que todos se servissem.

Em vez disso, por volta das 17 horas da tarde anterior ao dia em que Willow iria partir para a Universidade pela primeira vez, um caldeirão enorme no fogão *Agá* cor-de-rosa forte expelia uma nuvem de vapor com odor a cominhos, canela e chili. Na bancada, havia taças cheias de queijo ralado, natas acidificadas, guacamole, pimenta-jalapenho, feijão picante, coentros cortados finamente e molho de milho doce grelhado. Quartos de lima aguardavam para serem introduzidas em garrafas de cerveja — *cerveza*, brincou a própria Laura, com um cecear espanhol.

Não tinha chegado a fazer *margaritas*, porque ninguém iria querer acordar no dia seguinte de ressaca: a viagem até York demorava seis horas e já seria um dia suficientemente difícil mesmo sem uma dor de cabeça enorme por causa da tequila.

Tinha colocado uma fila de catos minúsculos envasados ao longo do centro da ilha com cobertura de ardósia e garrafas de leite vazias, cheias de gerberas em cor-de-rosa vivo, amarelo e cor de laranja. Uma pinhata em forma de burro estava pendurada num gancho no teto. Conseguira impedir-se de a encher de doces. Afinal, não se tratava de uma festa propriamente dita, era apenas a despedida de Willow da família, de amigos

de alguns vizinhos e... Bom, Laura não sabia exatamente de quem mais, mas, por volta das 20 horas, o grupo estaria a saltar. Era assim que as coisas se desenrolavam no Número 11.

Laura tinha por hábito esforçar-se bastante, mas, nesta ocasião, fizera-o a dobrar, numa tentativa de dissimular o facto de o dia seguinte ser o que mais temera em toda a sua vida — e tinha havido alguns assim. Deteve-se por alguns minutos no silêncio da cozinha.

Aquela cozinha era o seu porto seguro, onde recebia amor e dava amor. Havia sempre uma sensação de calma subjacente ao caos. Ninguém sabia como o conseguia.

— Como consegues fazer parecer que é tão fácil? Eu tenho sempre um esgotamento nervoso, quando recebo alguém. Parece que nada está bem, nada sabe bem e eu preocupo-me terrivelmente. — A sua melhor amiga, Sadie, ficava eternamente espantada com a capacidade que tinha para receber as pessoas.

— Será por adorar? Por não ter uma carreira profissional? Por não ter o aspeto de quem acabou de sair das páginas da revista *Vogue*? — brincou Laura.

Sadie era proprietária da *La*, a boutique mais famosa de Bath, e tinha sempre um aspeto incrível.

— Mas tu és naturalmente deslumbrante. Não precisas de perder várias horas para ficares com um aspeto arrebatador. Simplesmente já és — queixou-se ela.

Era verdade, com os seus olhos cor de xarope de plátano e o cabelo escuro despenteado. Contudo, Laura considerava que tinha excesso de peso e que se arranjava mal, como se a única coisa que pudesse fazer fosse passar um pente pelo cabelo. Usava calças de ganga justas, porque as suas pernas pareciam fósforos, e tinha uma coleção de camisas de linho e de camisolas largueironas que lhe tapavam as gorduras e a barriga, com as quais se sentia desnecessariamente constrangida. Não conseguia ver a sua própria beleza.

— Tenho excesso de peso — queixou-se. — Sou como um pisco, demasiado pesada para as minhas disparatadas perninhas de pássaro.

Nesse momento, sentia-se claramente muito pouco glamorosa, com o cabelo apanhado no topo da cabeça com o mesmo elástico com o qual o carteiro amarrava a correspondência, um avental azul e branco apertado em volta da cintura e uma colher de pau na mão, desalinhada e coberta de molho de tomate. Também lhe estava a ser tremendamente difícil impedir-se de ir ver como Willow se estava a sair na preparação das suas malas.

A parte de trás do carro já estava cheia de tudo o que um caloiro pode eventualmente desejar, sobretudo uma atenção por parte da *Ikea*, ao manter os preços baixos. Mas Laura mimara Willow com algumas coisas. Uma cobertura de colchão luxuosa, essencial para tornar confortável uma cama de solteiro desconhecida. Um cobertor lanoso, para se aconchegar quando fizesse frio e Willow sentisse saudades de casa. E um qualquer óleo de banho da *Jo Malone*, porque Laura acreditava na capacidade reconfortante dos odores.

No entanto, Willow gostava de deixar tudo para a última hora. Nesse preciso momento, a sua camisola preferida andava às voltas na máquina de secar, porque ela só a trouxera de casa de uma amiga nessa manhã. Laura, que estendia tudo na cama que não era utilizada, uma semana antes de partirem de férias, considerava aquilo desesperante.

Dom disse-lhe para não se preocupar. Se Willow se esquecesse de alguma coisa, poderia aguentar até voltar no fim de semana.

— Provavelmente só volto no Natal — salientara Willow. — York fica muito longe e eu não tenho como pagar os bilhetes de comboio.

O estômago de Laura contraiu-se perante a perspectiva de passar três meses sem ver a filha, mas abafou o sentimento. Sentou-se na ilha e pegou na sua caneta *Berol*. Não se recordava da última vez que escrevera uma carta, mas não conseguiria dizer o que pretendia sem chorar copiosamente. Quando começou a escrever, com a sua melhor caligrafia, apreciou a satisfação de desenhar letras perfeitas, com a tinta a escorrer suavemente pelo papel, pelas voltas e círculos e pelos traçados das rubricas.

Lark Hill, Número 11
Bath

Minha querida Willow,

As minhas desculpas antecipadas por fazer uma daquelas coisas embaraçosamente sentimentais de mãe. Sabes como sou boa nisso! Mas queria que partisses para a tua aventura com algo que te recordasse a tua casa e não me ocorreu nada melhor do que estas receitas. Todas provêm da caixinha de receitas que guardo na despensa. Tu e a Jasmine já as utilizaram muitas vezes ao longo destes anos, porque algumas delas ainda têm as marcas peganhentas dos teus dedinhos!

As receitas mais antigas datam do tempo da tua bisavó — as panquecas e o pudim de Yorkshire vêm dela (também é válido para as salsichas cozinhadas no forno em massa de crepe!). O crumble e o bolo para chá vêm da Kanga — ela costumava fazê-los durante a guerra, para as pessoas que viviam com ela no Número 11. O avgolemono¹ e a spanakopita² são da minha mãe, das viagens dela à Grécia... Não sou a única coisa que ela trouxe de lá! Conseque-se sentir o gosto do sol nelas — são para quando o vento estiver a soprar lá fora e quiseres sentir-te mais aconchegada.

As restantes são minhas: receitas que fui experimentando para ti ao longo do tempo. Brownies, panquecas e folhados de salsicha para partilhares. E as tuas refeições preferidas: um prato de esparquete à bolonhesa, chili e caril tailandês. Sei que provavelmente sabes fazê-los, mas queria que ficasses com uma recordação, um pouco da história da família para teres junto de ti. E sei que provavelmente irás subsistir isto por Cheerios, snacks de milho com sabor a queijo e comida chinesa pronta para levar para casa, mas talvez, de vez em quando, sintas vontade de fazer uma refeição de comida caseira e de a partilhar com os teus novos amigos.

¹ Sopa popular com uma base de caldo de galinha, engrossada com molho de gema de ovo e limão (estilo fricassé), típica da culinária da Grécia e da Turquia. [N. T.]

² Pastel de massa filo recheado com espinafres e queijo feta, assado no forno, típico da gastronomia da Grécia. [N. T.]

Estou tão orgulhosa de ti, minha menina querida. Sei que irás voar e tirar todo o partido desta oportunidade maravilhosa.

Com todo o amor e muitos beijos,

Mamã

Laura baixou os olhos para a carta, com as lágrimas inevitáveis a embaciarem-lhe a vista, depois dobrou a página em três. Meteu-a dentro da agenda *Moleskine* que comprara especialmente para aquele fim. Cada página continha uma receita diferente, copiada meticulosamente. Demorara mais de uma semana a escrevê-las, uma vez que tivera de o esconder de todos. Queria que fosse uma surpresa, mas também se sentia um pouco inibida. Seria demasiado sentimental?

— Meu Deus, cheira maravilhosamente bem aqui.

— Kanga! Que susto me pregou! — Laura levou uma mão ao peito.
— Estava tão longe daqui!

Kanga entrou na cozinha, levantou a tampa da panela e cheirou-a com um ar de apreciação. Olhou em volta.

— O que é isto? Um dia de *fiesta*?

— Sabe como eu sou. Não me consigo controlar. — Laura sorriu, metendo a agenda dentro de uma gaveta. — Estou certa de que a Willow preferiria ir ao *pub* com as amigas.

— Foi o que ela fez a noite passada. Esta noite é para a família, ela sabe-o.

— Sim. Mas eu quero que seja uma boa festa de despedida.

— És uma boa mamã.

— Tive um bom exemplo — Laura sorriu na direção da avó. Kanga educara-a desde os 4 anos, altura em que a mãe falecera. A Laura pequenina e atenciosa decidira que não queria continuar a tratá-la por «Avó», visto ela ser muito mais do que isso, e batizara-a de Kanga, como a sua personagem preferida da história *Winnie the Pooh*.

Aos 93 anos, Kanga continuava a ser mais do que uma avó — embora aparentasse ter pouco mais de 73. Vestia uma camisa de linho cor-de-rosa claro e calças pretas com botas macias, trazia o cabelo branco brilhante cortado curto, à altura do queixo, e os seus olhos cinzento-escuros, com

as pálpebras escondidas, não deixavam escapar nada. É claro que Laura se preocupava por ela estar demasiado magra, mas Kanga rira-se, afirmando que o seu apetite desaparecera juntamente com a sua libido, muitos anos atrás, e que se sentia satisfeita com isso.

— Tenho muito mais tempo agora que não tenho de pensar em sexo nem em comida — afirmava. Laura não estava certa de existir outro motivo para viver para além daqueles dois.

— O Dom não vem? — perguntou Kanga, sentando-se junto da ilha.

— Tem uma reunião com o supervisor de quantidades, esta tarde. Por isso, deve parar no Wellie no caminho para casa.

The Wellington Arms era a fonte de hidratação preferida de Dom, onde ele e os sócios faziam negócios, assistiam a jogos de rãguebi e, à sexta-feira à tarde, tragavam as piores misturas de cerveja.

Kanga franziu a testa.

— Até na última noite da Willow?

— Não tem mal. Só me iria deixar louca, se aqui estivesse. É sempre muito melhor quando ele aparece cinco minutos antes de toda a gente e não interfere — Laura puxou o elástico do cabelo, retraindo-se, quando este ficou preso. — Posso deixá-la a tomar conta de tudo enquanto troco de roupa?

— Claro.

— Há vinho no frigorífico.

No quarto, Laura inclinou a cabeça para baixo, pulverizou champô seco nas raízes e depois passou os dedos pelos caracóis. Agora não tinha tempo para tomar um duche. Despiu a camisola com que tinha estado a cozinhar e vasculhou o roupeiro à procura de qualquer coisa para vestir. Sadie era incrivelmente generosa e oferecia sempre a Laura, pelo aniversário, coisas da *La* que ela nunca se atreveria a escolher. Retirou uma camisa cinzento-pérola com plissados e botões de pérola, vestindo-a pela cabeça. Assentava-lhe perfeitamente, em todos os lugares certos, como costuma acontecer com as roupas caras.

— Olá, mamã — Willow entrou descontraidamente. O coração de Laura contraiu-se. Sempre que a via, queria dar-lhe um abraço apertado. Todos os seus medos a invadiram subitamente — um autocarro

desgovernado, uma varanda insegura, uma estirpe virulenta de meningite... Oh, Deus!, teria Willow tomado todas as vacinas necessárias? Laura sabia que tinha verificado um trilião de vezes, mas e se julgasse que tinha tratado de tudo e se tivesse esquecido de alguma coisa? A boca seca de ansiedade, que lhe era tão familiar, invadiu-a e começou a mexer a língua para fabricar alguma saliva.

— Já tens as malas prontas?

— Julgo que sim. Tudo o que é maquilhagem e esse género de coisas só vou guardar amanhã de manhã. — Willow deixou-se cair pesadamente em cima da cama.

— Estás entusiasmada?

— Não sei se será propriamente entusiasmada...

Claro. Estar entusiasmada não era *cool*.

— Estás ansiosa?

— Vai ser o que for, não é verdade?

— Bem, a mim parece-me entusiasmante. York é lindíssima. Podemos explorá-la amanhã. Talvez possamos fazer um passeio naqueles autocarros abertos, se estiver sol.

Willow riu-se.

— O que foi? — perguntou Laura, magoada.

— És tão engraçada, mamã!

— Não estou a tentar ser engraçada.

— Eu sei. Por isso é que és.

Willow pôs-se de pé com um salto e rodeou-a com os braços. Laura sentiu o odor dela. Um perfume adocicado, empoado, a pastilhas elásticas *Wrigley* e ao incenso horrível que ela insistia em queimar no quarto. Não era como Jasmine, que, na manhã seguinte, ia regressar sozinha de carro para o seu terceiro ano na universidade de Loughborough, e que cheirava a cloro, a pó de talco e a loção para dores musculares.

Laura sempre se sentira grata pelo amor de Jasmine pelo desporto. Conferira estrutura à vida delas, numa altura em que tudo o resto estava um caos. A asma era sobretudo perturbadora. Nunca sabiam realmente quando Willow poderia sofrer um ataque. Tinha havido uma equipa de mães prontas a ajudar sempre que isso acontecia: a máfia do *netball* era

furiosamente leal e solidária, levando Jasmine para casa para tomar chá, para ficar lá a dormir ou acompanhando-a a casa. Laura nunca conseguiria retribuir em vida, mas elas não pretendiam uma retribuição. Era evidente que não.

Jasmine poderia ter-lhe dito que ia a Tombuctu de skate que ela nunca ficaria preocupada. Eram próximas, mas de uma forma diferente. Quando Jaz saía de casa para ir para Loughborough, Laura oferecera a ambas um dia num *spa*, em Bath, a nadar no terraço do telhado, a passar algum tempo no banho turco, na câmara de gelo e na sala de descontração celestial; um mimo físico para a Jaz física, que raramente permanecia quieta um momento e não dispensava verdadeiramente ser mimada.

Mas Willow...

Os seus olhos encheram-se de lágrimas. Não queria descer até à cozinha e partilhar Willow com toda a gente. Queria enroscar-se na cama com ela, assistir a alguns episódios de *Tal Mãe, Tal Filha*, na *Netflix*, comer uma taça cheia de *M&M's*, deixar a filha adormecer-lhe nos braços, como costumavam fazer sempre que ela estava a recuperar.

— Achas que eu devia levar o *Mágico*? — perguntou Willow.

Mágico. O coelho branco de peluche cujo pelo praticamente desaparecera, por ter sido tão abraçado. Recebera esse nome porque era o Coelho Mágico que a ajudava a adormecer num grande número de hospitais desconhecidos. Laura sentia-se receosa por ele. E se ela o perdesse, se alguém lho roubasse ou o atirasse pela janela no meio de uma brincadeira de estudantes?

— Se quiseres deixá-lo cá, eu tomo conta dele.

— Eu gostava que ele fosse comigo, mas não sei se devemos levar os nossos peluches para a universidade — Willow fez uma careta. — É óbvio que a Jasmine não o fez, mas todos sabemos que a Jaz não precisa de que tomem conta dela.

O urso de peluche de Jasmine estava tão imaculado como no dia em que fora comprado.

— Eu deixava-o cá — disse Laura, não querendo admitir que o *Mágico* tinha sido um talismã tão importante para ela como para Willow. — Tu sabes tomar conta de ti própria, não sabes?

— Mamã — Willow sentou-se e olhou fixamente para a mãe com um olhar firme. — Podes parar de te preocupar? Não sou nenhuma idiota. E já passaram quase 18 meses.

— Isso não significa que não vais ter mais nenhum ataque. Qualquer coisa o poderá provocar.

York, pensou Laura. Se algo corresse mal, não conseguiria lá chegar rapidamente. Até Londres teria sido mais perto. Mas talvez Willow sentisse necessidade de se evadir. Sabia que tinha sido culpada por a ter sufocado, mas que mãe não o faria?

Deixa-a ir, dizia-lhe uma voz no seu interior.

Voltou-se e pegou no rímel. Já deviam ter tido aquela conversa mil vezes, a partir do momento em que Willow preencheu o formulário de candidatura à UCAS. Se fosse Laura a decidir, teria escolhido Bristol.

— Mamã, vai correr tudo bem. Prometo-te.

A voz da filha era gentil e compreensiva. O que a deixou com uma vontade ainda maior de chorar.

Bateram à porta e Jaz espreitou.

— Estás bem? Há mais alguma coisa que queiras que eu faça? Trouxe um saco de gelo da garagem, quando fui encher o depósito do carro.

Laura sentiu-se grata. Jaz era uma rapariga prática e, muitas vezes, antecipava-se — não era como a maioria das pessoas. Pousou a maquiagem e voltou-se.

— Anda cá. Venham cá as duas.

As duas raparigas aconchegaram-se sob os braços estendidos dela.

— Um abraço de grupo — comentou Jaz, e todas se abraçaram com força.

— Estou tão orgulhosa de ambas — disse Laura, com a voz embarcada. — O que vou fazer sem vocês?

— Já falámos sobre isto, mamã — respondeu Jaz, com dureza. — Tu tens planos, sabes que sim. E eu disse que te ajudava com a parte técnica.

Laura apertou a filha mais velha, agradecida por ela lhe tentar transmitir confiança. A Jaz prática nunca se deixava perturbar por nada. Laura pensou que provavelmente Jaz tinha herdado essa faceta de Kanga. Não

tinha a autoconfiança da filha, embora, enquanto adulta e mãe, tivesse de o fingir muitas vezes.

— Um viva para as Griffin Girls — disse ela, dando um soco de líder de claque desportiva no ar. Era o seu nome de equipa, o nome que invocavam quando era necessária alguma solidariedade familiar.

— As Griffin Girls — repetiram Willow e Jaz.

Laura sorriu abertamente.

— Vamos lá, então. Vamos dar início a esta festa.

Uma hora depois, Laura pensou que a festa tinha sido uma boa opção. Não havia tempo para ficar a remoer. Sadie fora a primeira a aparecer, com uma caixa de sapatos para Willow. No interior, estava um par de sapatilhas com lantejoulas prateadas.

— Oh, meu Deus, são perfeitas! — exclamou Willow encantada.

— Vão trazer-te boa sorte, onde quer que as uses — disse Sadie.
— E também trouxe um par para a Jaz.

— Querida, é muito generoso da tua parte — Laura sorriu para a amiga. Como não tinha filhos, Sadie cobria sempre Willow e Jasmine de presentes.

Mike e Daphne, da casa ao lado, apareceram com uma máquina de fazer pipocas. Depois chegou Edmond, o proprietário do bar onde Willow tinha trabalhado o verão inteiro. O *Reprobate* era um bar de cocktails glamoroso, com fama de ser bastante decadente. Edmond, com o seu rosto pálido, os seus grandes olhos cinzentos e um fato de veludo verde-esmeralda, tinha precisamente esse ar, mas Laura sabia que, sob o seu exterior cintilante, ele era uma pessoa extremamente gentil e também muito bondosa com os funcionários — uma das razões do sucesso estrondoso do bar.

Edmond ofereceu a Willow um postal com uma reprodução de uma pintura de Gustav Klimt com duas notas de 50 libras lá dentro. Ele apreciava o facto de Willow ser de confiança porque bastava telefonar-lhe quando alguém o avisava de que iria faltar por motivo de doença e Willow ia substituir a pessoa no momento.

— Não sei o que vou fazer sem ela — comentou ele com Laura. — Espero que venha ajudar-me na altura do Natal.

— Estou certa de que sim. Vai precisar do dinheiro. — Laura sorriu-lhe.

Ele levantou uma madeixa do cabelo dela e prendeu-lha atrás da orelha.

— E tu, querida? O temido ninho vazio. O que vais fazer?

Ela ficou comovida com a preocupação dele. Ele não era o tipo de pessoa de quem se esperasse empatia relativamente às preocupações das mulheres de meia-idade.

— Tenho algumas ideias — disse. — Para começar, está na altura de eu contribuir para a casa.

Edward franziu a testa.

— Espero que isso não seja o Dom a falar?

— Por favor, não. Mas sejamos francos. Não trabalhei um único dia desde que há memória. Agora já não tenho desculpa — sorriu alegremente.

— E o que vais fazer?

Laura mencionara a ideia às filhas, mas apenas de passagem a Dom, porque ele estava muito ocupado e já tinha preocupações de trabalho suficientes para ter de estar a ouvir os seus planos insignificantes. Mas pensou que poderia pô-los à prova com Edmond, cuja opinião respeitava.

— Na verdade, estava a pensar dedicar-me ao *Airbnb*. Tenho dois quartos no andar de cima da casa. Neste momento estão cheios de tralha. Seriam perfeitos.

Edmond concordou com a cabeça.

— Ias ser um sucesso. Sinceramente é um retorno garantido de um investimento pequeno. Tens esta casa fantástica. Nem sequer ias perceber que os hóspedes cá estavam. Quase poderias cobrar o que te apetecesse. Serve-lhes um croissant ao pequeno-almoço e apresentas-lhes a conta. Tarefa cumprida. Dinheiro em caixa!

Ela riu-se.

— Não pode ser assim tão fácil.

— Mas é! Na verdade, é o que toda a gente está a fazer. Digo-te, Laura. Podes ganhar duas centenas de libras num fim de semana, só por fazeres as camas e colocares frésias frescas numa jarra. O *check-in* é ao final da tarde, a saída teria de ser por volta das 11 horas do dia seguinte. E tu cozinhas tão bem, podias cobrar mais 50 libras por dois pratos de *boeuf bourguignon* e uma fatia de rolo de carne.

— Achas? — estava encantada com o entusiasmo dele.

— Sem dúvida que sim. Esta cidade está cheia de visitantes, todos à procura de um lugar para ficarem. Podias receber reservas de pessoas para o próximo fim de semana. Mas não podes autorizar despedidas de solteiro — Edmond fez uma careta. Não as permitia no *Reprobate*. — Estão a sugar a alma de Bath. Podem vir gastar dinheiro, mas criam muita confusão.

Ele estava certo — a cidade era um destino incrivelmente popular para festas de despedida de solteiro que eram definitivamente uma espada de dois gumes.

Laura sentia-se entusiasmada. Talvez falasse no assunto a Dom como uma proposta séria e não uma fantasia vã. Era apenas a génese de uma ideia, uma vez que há muito que desejava esvaziar as divisões do sótão. Agora que a verbalizara de facto, fazia muito sentido. Era a forma perfeita de se dedicar a fazer algo construtivo e potencialmente lucrativo. Dom nunca se queixava por ser o sustento da família, mas tinha trabalhado arduamente ao longo dos anos. Talvez ela pudesse aliviá-lo de alguma dessa pressão com uma fonte de rendimento simples. E poderiam conhecer pessoas novas e divertidas. Ela adorava ter a casa cheia de risadas, mas com as filhas ausentes...

Olhou para o relógio. Dom deveria estar para chegar, certamente. Já passava das 20 horas. Tinham aparecido mais alguns amigos, vizinhos e algumas amigas de Willow, da escola. Sasha, Poppy e Emma iriam partir dentro um mês para o seu ano sabático entre o ensino secundário e a entrada para a universidade. Laura sentia-se grata por não ter de enfrentar o horror de Willow ir para a Colômbia. Não conseguia sequer imaginar o receio de saber as filhas a percorrerem a América do Sul. York já representava um terror suficientemente grande para ela.

— Juro que nunca me organizaram uma festa de despedida como esta — sorriu Jaz ironicamente, mas não se importava. Todos sabiam que era um milagre Willow ter conseguido terminar o ensino secundário e entrar na universidade que escolhera. Faltara bastante às aulas ao longo dos anos, mas esforçara-se muito para conseguir recuperar. Uma vez, tinham sugerido que ela ficasse retida no mesmo ano, mas ela estava desesperada por continuar com as amigas, e fora a sua determinação que a mantivera no rumo certo. Portanto, aquela festa era tanto uma celebração como uma despedida.

Às 20h30, enquanto Laura distribuía pratos quentes para que todos comessem a servir-se, Dom apareceu. Tinha um ar tenso.

— Está tudo bem? — perguntou Laura.

— Depois de muito esforço, está. Tive de recorrer a muita bajulação para conseguir libertar a próxima *tranche* de dinheiro. Desculpa-me por ter chegado tão tarde. Mas foi tempo bem gasto.

Laura sabia que Dom estava sob uma grande pressão com o seu último projeto de construção: a remodelação de três apartamentos de uma casa de sete pisos nos Wellington Buildings, um edifício grandioso, geminado, do século XVIII, numa localização de primeira, perto do Royal Crescent. Era o maior projeto pelo qual fora responsável até aí. O financiamento era complicado e o próprio edifício apresentava um grande número de problemas — a excentricidade das canalizações georgianas, a logística que implicava manter satisfeitas as pessoas dos Listed Buildings, a complicação que era ter de o preparar para o futuro. Todos os dias lhe traziam um conjunto novo de desafios. E manter o banco recetivo, para que o dinheiro para viabilizar a obra estivesse disponível, não era o mais insignificante. Por isso, Laura não ia resmungar por ele ter chegado tarde. Sabia que Dom preferia muito mais estar em casa do que a adular alguém, mas era um mal necessário.

Optou antes por abraçá-lo, o seu marido que parecia um urso grande. As pessoas confundiam-no frequentemente com Will Carling, com o seu cabelo curto e espesso e a covinha no queixo. Dom desistira do rãguebi depois da universidade, embora fosse uma presença familiar no campo, nos dias de jogo.

— Queres que te traga um prato de comida?

— Obrigado — ele agarrou uma garrafa de cerveja, levou-a à boca e bebeu-a, cheio de sede. — A que horas saímos amanhã?

Laura teve um acesso de irritação. Se lhe dissesse uma vez, tinha de lho dizer dez vezes. Serviu-lhe uma concha de chili.

— Às 7 horas.

Ele bufou e revirou os olhos. Laura sentiu-se culpada por estar irritada. Ele estava cansado. Sabia que não dormia durante a noite, com a preocupação dos apartamentos. Tinha de os colocar no mercado no Ano Novo, se queria cumprir as datas previstas, e ainda havia muita coisa por fazer. Tempo era dinheiro: pagava juros diários sobre o empréstimo que lhe fora concedido para o empreendimento. Decidiu que iria tentar ser ela a conduzir no dia seguinte. Não lhe agradava muito conduzir na autoestrada, mas ele podia dormir no carro se precisasse de pôr o sono em dia.

Depois de todos terem acabado de comer, Willow levantou-se e bateu com um garfo no copo. Normalmente era bastante reservada, mas sorriu para todos à sua volta.

— Isto é algo tão importante para mim. Nunca pensei que este dia chegasse. Por isso, quero agradecer a algumas pessoas. Primeiro, à minha irmã mais velha, Jaz, por nunca se queixar, quando eu perturbava tudo por estar doente, nem sequer quando tivemos de cancelar a nossa viagem à Eurodisney. E por me criar *playlists* fantásticas para eu ouvir no hospital, por me deixar ver a série *Skins* no quarto dela quando sabia que eu não estava autorizada a fazê-lo.

A boca de Laura abriu-se num espanto simulado enquanto Willow e Jaz sorriam para ela, como duas irmãs conspiradoras.

— Estou orgulhosa de ti, Willow — disse Jaz. — Mas, se me surripiaste a minha camisola com capuz da *Jack Wills*, vamos ter guerra!

— Juro que não. Podes inspecionar as minhas malas — Willow voltou-se para a bisavó. — Obrigada à Kanga, por ser uma *bisa* brilhante e por manter tudo sob controlo cá em casa quando a minha mãe tinha de ir comigo ao hospital, e por me incentivar quando estava atrasada nos meus trabalhos e pensava que nunca, jamais, iria ser aprovada nos

exames. Tu és a razão pela qual sei todos os verbos irregulares franceses, como funciona o sistema digestivo e o que é uma alegoria. Obrigada por acreditares em mim.

— Eu sempre acreditei em ti, querida — sorriu Kanga.

Willow continuou e aninhou-se sob o braço do pai.

— Obrigada, papá, por me ires sempre visitar ao hospital assim que saías do trabalho, os teus abraços são os melhores. Obrigada por me levares às cavalitas sempre que eu ficava cansada e por me ensinares a andar de bicicleta, a nadar e a fazer esqui, apesar de eu achar que era uma fraca e que não conseguia fazer tudo o que as outras crianças faziam. Graças a ti, sei que posso fazer o que eu quiser.

— Podes fazer tudo o que quiseres. Sabes que sim — Dom irradiava orgulho.

— Mas acima de tudo... — Willow virou-se para Laura e estendeu os braços para ela. — Obrigada à minha mãe, por ser sempre absolutamente extraordinária e por estar sempre aqui. Sei de quanto abdicaste para cuidares de mim e sei que dizes que é a tua obrigação, mas não conheço mais ninguém que tenha uma mãe tão incrível e que nunca reclame. *Tu* és o motivo pelo qual vou para York amanhã. Nunca sonhei ir para a universidade, mas tu fizeste com que isto acontecesse.

Enquanto atravessava a sala em direção aos braços de Willow, Laura perguntava-se como seria possível não se desfazer em lágrimas perante um discurso tão sentido. Felizmente, estavam todos um pouco comovidos, portanto, era aceitável, mas a diferença era que Laura não tinha a certeza de conseguir parar de chorar depois de começar.

— Foi um discurso maravilhoso. Nem podes imaginar o quanto significou para mim. Obrigada — murmurou ao ouvido de Willow, esforçando-se por manter a compostura e conseguindo-o, de alguma forma.

— Obrigada eu, mamã — disse Willow. — Tudo o que eu disse é verdade.

À medida que a festa começou a esmorecer — tinham dito a todos que tinham de se ir embora até às 22h30: uma novidade no Número 11 —, Kanga tocou no braço de Laura.

— Vou sair de mansinho. Já me despedi da Willow. Não vou estar cá para me despedir de vocês, de manhã. Seria um bocado comovente.

— Parece-me boa ideia — Laura deu um beijo na face da avó. — E obrigada, sei que deu algum dinheiro às miúdas.

— Um pouco de dinheiro extra nunca é demasiado — Kanga sorriu-lhe, ciente de que a neta estava ansiosa. — E não te preocupes. Quando deres por ela, já é Natal.

Laura não queria pensar no assunto. Ainda faltavam três meses para o Natal. Como é que iria sobreviver?

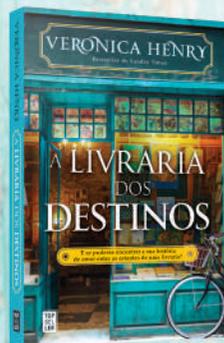
Uma mistura perfeita de família, amigos e comida deliciosa.

Laura Griffin está numa fase complicada da sua vida: as suas duas filhas estão na universidade e ela tem de se habituar a uma nova rotina. Na atarefada casa, onde sempre existiu um burburinho constante e o aroma dos cozinhados a pairar no ar, prevalece agora o silêncio. Laura sabe que este é o curso natural das coisas e tenta mentalizar-se de que poderá agora ter mais tempo para si e para o marido, Dom.

Mas uma revelação inesperada faz vacilar o seu casamento, um segredo que ela é incapaz de aceitar. Sentindo-se cada vez mais só, Laura encontra o reconforto num valioso tesouro familiar: a caixa de receitas da avó, uma compilação preciosa cuja origem remonta à Segunda Guerra Mundial e que, juntamente com as bem-sucedidas compotas de Laura, será a ajuda de que precisa para reencontrar o sentido para a sua vida.

Determinada a trilhar o seu próprio caminho, Laura decide seguir os seus sonhos. Mas até a pessoa mais corajosa precisa daqueles que ama, e esse poderá ser o ingrediente que falta para a felicidade de todos... e também de Laura.

DA MESMA
AUTORA:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-559-1



9 789896 685591

Literatura Traduzida